

O “Catecismo” na história da Igreja

Introdução

1. As “lições da história”

Foi-me pedido que, no início de mais uma Semana Nacional de Liturgia, falasse de “o catecismo na história da Igreja”, como que em “introdução geral” ao tema da mesma Semana, “Da liturgia no Concílio ao ‘Catecismo da Igreja Católica’”. Gostaria de começar, apresentando-vos algumas “lições da história”, tal como no-las aponta a Exortação apostólica pós-sinodal *Catechesi Tradendae* (1978):

1.1 Ter os meios necessários

“A actividade catequética tem de poder realizar-se em circunstâncias favoráveis de tempo e de lugar, ter acesso aos *meios de comunicação social* e poder dispor de *instrumentos de trabalho* apropriados”.¹ Entre muitos outros “meios” e “instrumentos”, podemos contar aquele a que, hoje, chamamos “catecismo”: os catecismos são meios de comunicação audio-visual (escrita, desenho, fotografia, música) e instrumentos de trabalho (orientação de actividades, interpretação, pesquisa, memorização, concretização de programas).

¹ JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae*, (CT), 14.

1.2 Tarefa primordial

“A Igreja (...) é convidada por Deus e pelos acontecimentos (...) a renovar a sua confiança na actividade catequética, como *tarefa verdadeiramente primordial* da sua missão. É convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e energias, sem se poupar a esforços, trabalhos e meios materiais, para a organizar melhor e formar para ela pessoas qualificadas”.² Aqui, a acentuação é posta nas pessoas e na sua formação: os catequistas são o “catecismo vivo”; e também nos meios materiais. A atenção aos catequistas, reconhecimento da sua necessidade e da riqueza que é o seu serviço e esforço, há-de manifestar-se, por parte da Igreja também no modo e no empenho com que as comunidades e seus responsáveis põem ao seu dispor os instrumentos indispensáveis, principalmente os catecismos, segundo as suas capacidades, sem descer na qualidade doutrinal, espiritual e pedagógica. O catecismo vem aqui tomado como manuais, guia do catequista ou referência para a comunicação fiel da Palavra de Deus.

1.3 A linguagem e as técnicas

“A catequese precisa duma renovação contínua, mesmo num certo alargamento do seu próprio conceito, nos seus métodos, na busca duma *linguagem adaptada* e na técnica dos novos meios para a transmissão da mensagem”.³ Paulo VI, repetindo a *Mensagem ao Povo de Deus* do Sínodo de 1977,⁴ refere-se aqui principalmente à metodologia, à linguagem, às técnicas de comunicação na catequese, e alerta para dois perigos igualmente consideráveis: “a *repetição rotineira*, que se opõe a toda e qualquer mudança” e “a *improvisação inconsiderada*, que enfrenta os problemas com temeridade”. Também esta questão tem a ver com os instrumentos catequéticos, entre os quais os catecismos, que, de facto, têm uma longa história, tão longa porventura como a história da mesma Igreja.

² Id., *Ibid.*, 15.

³ Id., *Ibid.*, 17.

⁴ Sínodo dos Bispos de 1977, *Mensagem ao Povo de Deus*, n. 6

2. Catequese e Liturgia

2.1 Catequese e movimento litúrgico

Durante longos períodos da história da Igreja, a função prevalente da catequese foi a da preparação para os sacramentos e demais vida litúrgica,⁵ como veremos mais à frente.

O influxo da liturgia sobre a própria catequese, seus conteúdos e ritmos, cresceu muitíssimo, depois, com o incremento do movimento litúrgico e do bíblico e com a nova concepção da catequese enquanto aprofundamento da fé e iniciação à vida cristã e, por isso, testemunho da vida da Igreja e transmissão ou comunicação da “memória da fé” e das riquezas espirituais da mesma Igreja. A relação entre a catequese e a liturgia no tempo em que vivemos – depois do concílio Vaticano II, da sua reforma litúrgica e do despertar para a nova evangelização – constitui um dos grandes campos da reflexão e do empenho catequético e pastoral geral da Igreja.

2.2 Mútuo relacionamento

Porque esta questão é realmente vasta e não é, propriamente, o objecto da minha comunicação, limito-me apenas ao enunciado de alguns capítulos desta relação; talvez um dia ela possa vir a ser, porventura, objecto duma Semana conjunta, organizada pelos responsáveis da catequese e da liturgia! ...

Antes de mais, é necessário referir a *unidade* profunda entre a caminhada de fé, a liturgia e a vida cristã; o *Catecismo da Igreja Católica* quis precisamente pôr em relevo esta unidade dinâmica, chamando continuamente a atenção para a relação recíproca e a interdependência destes dois sectores fundamentais da vida da Igreja.

Um segundo grande capítulo seria o da dimensão evangelizadora e catequética da própria liturgia: a vida litúrgica, aliás, é para muita gente ainda quase o único “lugar” de conhecimento e aprofundamento das verdades da fé; a liturgia propriamente dita é, como sempre foi, com a arte religiosa e litúrgica, um “lugar teológico” e um precioso audio-visual: encontro com a linguagem bíblica, eclesial, experiencial,

⁵ E. ALBERICH, *La Catechesi della Chiesa*, Elle di Ci, Leumann (Torino), 1992, p. 233. Neste ponto seguimos muito de perto esta obra, pp. 220-227.

liturgia da palavra e do gesto, homilia e exortação, oração sacramental, etapas sacramentais da vida, ritmos litúrgicos do ano, sinais e símbolos, cores e movimentos...

Mas a liturgia tem necessidade da catequese também em razão da sua natureza sacramental e celebrativa, do seu carácter ritual-simbólico e da expressividade dos seus gestos e sinais, sinais da graça e da fé. Há uma “catequese dos “mistérios” ou “mistagógica” com dois momentos: a catequese de preparação para a celebração frutuosa dos sacramentos, pois “é desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da liturgia exige”;⁶ e tal participação é, no dizer do Concílio, “a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão”, e esta é “a razão que deve levar os pastores de almas a procurarem-na com o máximo empenho, através da devida educação”.⁷ Por outro lado, como veremos, há também uma catequese posterior à celebração dos sacramentos, uma catequese dos mistérios celebrados, principalmente dos sacramentos da Iniciação Cristã, a qual recebe o nome, por excelência, de *catequese mistagógica*.⁸

Por outro lado ainda, a liturgia é celebração e, por tal razão, a catequese deve incluir também a iniciação aos ritos e às expressões litúrgicas, de maneira que na sua realização concreta venham a exprimir as atitudes interiores dos celebrantes. Porque a liturgia e celebração do “mistério” (memorial de acontecimentos salvíficos), a catequese deve contribuir para a revelação e o aprofundamento das experiências bíblicas e eclesiais de salvação, significadas / comunicadas nos e pelos sinais sacramentais. E porque é experiência espiritual, a catequese deve, por sua vez, educar as convicções os compromissos e as atitudes pelas quais e nas quais se vive e exprime a existência nova no Espírito: esta é introduzida, aprofundada e alargada pelos sacramentos da nova Aliança.

É claro que, sendo a catequese iniciação e aprofundamento de toda a vida cristã, que na liturgia tem o seu ponto de chegada, cume e ponto de partida,⁹ a liturgia torna-se também elemento constitutivo e

⁶ Conc. Vat. II, *Sacrosanctum Concilium* (SC), 14.

⁷ *Ibid.*

⁸ Ritual Romano, *Iniciação Cristã dos Adultos* (RICA), nn. 37-40.

⁹ SC 10.

referência essencial de toda a catequese eclesial; a liturgia é contexto vital da catequese, tal como a “lex orandi” o é para a “lex credendi”. Para o compreender basta ter presente a relação estreita da caminhada catequética com o Ano Litúrgico e com a celebração orgânica dos sacramentos. A liturgia torna-se, pois, também momento essencial e estruturante do “processo catequético; através das celebrações da grande comunidade ou do próprio grupo catequético e do seu dinamismo simbólico e existencial, a catequese é enriquecida com a experiência mais profunda da Igreja. Neste dinamismo estão incluídas as “festas” que o nosso programa de catequese da infância e da adolescência prevê como parte integrante e síntese da caminhada proposta em cada fase e ano.

É claro, no entanto, que a “catequese litúrgica”, ou pelo menos aquela catequese que toma a liturgia como inspiradora exclusiva, não deve ser considerada a única forma de catequese; com efeito, na vida dos cristãos há muitas outras vertentes que devem ser catequizadas, além da litúrgica, tal como a sua inspiração também não se reduz às formas e, fórmulas litúrgicas, como os seus conteúdos vão beber de igual modo a outras fontes da Tradição, como ainda nos processos catequéticos há muitas outras possibilidades de expressão e comunicação para além das fornecidas pela liturgia.

3. Catequese e catecismo

A palavra oral é o veículo privilegiado da catequese, uma vez que o acto catequético é primariamente um acto de comunicação de viva voz, um acto de testemunho pessoal. Assim foi desde o princípio da Igreja: a comunicação da Palavra de Deus dá-se na pregação de Jesus e no ensino querigmático dos Apóstolos, antes de se tornar texto evangélico.¹⁰

3.1 Os textos evangélicos e os catecismos

Além dos textos escriturísticos temos os *textos catequéticos*, os textos utilizados na catequese; têm a sua finalidade própria e a sua importância específica na catequese, as quais não são anuladas pela prioridade e anterioridade da palavra dita / proclamada. A *Catechesi Tradendae* trata-os como instrumentos indispensáveis e de alto relevo

¹⁰ Cfr CT 11).

na actividade catequética.¹¹ Sempre mais ou menos presentes ao longo da história da Igreja, os catecismos tornaram-se preciosas testemunhas da sua Tradição ou “memória da fé» e instrumentos para a organização e sistematização da formação cristã de que a Igreja sempre cuidou tanto no tempo da primeira evangelização querigmática, como no do catecumenado propriamente dito, como no da “escolástica cristã”, como na época dos grandes catecismos modernos e da renovação catequética contemporânea.

Hoje, os catecismos têm uma importante função mediadora e inculturadora. Com efeito, os “textos catequéticos”, em geral, devem responder a duas exigências pedagógicas (da “pedagogia cristã”): por um lado, atentos à vida concreta dos destinatários, procuram adaptar a expressão da mensagem às necessidades espirituais e aos problemas das pessoas situadas no tempo e no espaço, traduzindo-a em linguagens para eles compreensíveis (fidelidade ao homem); por outro, têm uma função mediadora que e a de levar-lhes fielmente a mesma mensagem segundo a vontade e o projecto de Deus (fidelidade a Deus),¹² de acordo com a palavra de Jesus: “A minha doutrina não é minha, mas d’Aquele que me enviou”.¹³ Se é verdade que esta declaração de Jesus se aplica primeiramente ao pregador ou ao catequista e aos conteúdos do seu anúncio, não se refere menos aos textos ou outros instrumentos que os auxiliam e guiam na sua missão.

Mas, o “catecismo” propriamente dito distingue-se de outros “textos” e “obras catequéticas” por efectuar em si mesmo um outro género de adaptação, o da *articulação pedagógica* da fé ou da doutrina da Igreja, e ainda pela sua *oficialidade*, isto é, os cátecismos são “expressão da voz do magistério”,¹⁴ que com eles se compromete aprovando-os como tais.

3. 2 As funções do “catecismo”

As obras catequéticas em geral, e os catecismos em especial, têm três funções principais: a) Garantem a unidade da fé no tempo e no espaço: os catecismos exprimem o “depósito da fé”, tornando-se como que “lugar” de acesso à “memória da Igreja” e veículo de comunhão

¹¹ Cfr CT 15.49-50.

¹² Cfr CT 49.

¹³ Jo 7, 16

¹⁴ A. FOSSION, *La catéchèse dans le champ de la communication*, Les Ed. du Cerf, Paris, 1990, p. 145.

eclesial; b) Emanando da palavra oral e a ela conduzindo, tornam-se “transcrição da mensagem” proclamada e, conseqüentemente, também “ponto de partida” para uma nova comunicação oral:¹⁵ assim, são mediação objectiva no colóquio que se estabelece entre o catequista e o catequizando e entre ambos e a Palavra de Deus; c) Proporcionam e, mais ainda, promovem o “estudo sério da fé”: são veículo de conhecimento rigoroso, fruto de trabalho por vezes árduo, e contribuem para a educação da fé também no sentido que ela tem de ser “inteligência da fé”.¹⁶

3.3 O catecismo na história da Igreja antes do “Catecismo da Igreja Católica”

Na história da evangelização e da catequese podemos identificar duas grandes fases antes do “Catecismo da Igreja Católica”: a primeira vai desde o início, com a pregação de Jesus e dos Apóstolos, até aos tempos do Concílio de Trento; intitulamos esta fase, objecto da primeira parte do nosso estudo, *da catequese ao catecismo*. A segunda vai desde os primeiros “catecismos modernos” até ao Concílio Vaticano II e a elaboração do “Catecismo da Igreja Católica”; será tratada na segunda parte e intitulá-mo-la *do catecismo à catequese*.

PRIMEIRA PARTE

Da Catequese ao Catecismo

Com este título não queremos dizer que, ao longo dos primeiros dezasseis séculos da história da Igreja, a catequese se tenha ido gradualmente reduzindo ao “catecismo”, ou a acção evangelizadora e catequética se tenha transformado em simples objectivação ou pura codificação da fé. A catequese, comunicação e aprofundamento da fé e iniciação à vida cristã, sempre se caracterizou predominantemente

¹⁵ Cfr CT 11 para os textos da Escritura e CT 48 para o modo como nasce a homilia.

¹⁶ Cfr CT 12-13.55; A. FOSSION, *Ibid.*, pp. 152-155.

pela “tradição” ou “entrega” viva, no sentido de transmissão da fé e da vida cristã pela palavra, pessoal e comunitária, e pelo testemunho da experiência, pelo ensino familiar e pela oração, pela arte e pela liturgia e pelos documentos escritos, até que o “livro” ganhou predominância e se tornou o primeiro instrumento de apoio à catequese chamada “erudita”.

1. Evangelização e catequese na Igreja primitiva

Antes de falar da experiência catequética como experiência “tão antiga como a Igreja”,¹⁷ na *Catechesi Tradendae*, João Paulo II detém-se na Pessoa de Cristo como “catecismo” vivo e total e “mestre” único, e na sua acção sapiencial, evangelizadora e catequética multifacetada: de facto, por um lado, Cristo ensina ou comunica o “mistério vivo de Deus” que está em Si próprio, isto é, naquilo que n’Ele é uma só realidade: “Aquilo que Ele diz, aquilo que Ele faz, aquilo que Ele é”,¹⁸ o Reino de Deus revelado na sua palavra, anunciado nas suas obras e sinais, realizado na sua Páscoa... “As suas palavras, parábolas e raciocínios nunca são separáveis da sua vida e do seu próprio ser (...) Toda a vida de Cristo foi um ensinar contínuo: os seus silêncios, os seus milagres, os seus gestos, a sua oração, o seu amor pelo homem, a sua predilecção pelos pequeninos e pelos pobres, a aceitação do sacrifício total na cruz pela redenção do mundo e a sua ressurreição, são o actuar-se da sua palavra e o realizar-se da sua revelação”.¹⁹ Tudo n’Ele é catequético e educativo; todo Ele é catecismo, um “catecismo vivo”; Ele é o Verbo...

Ele é mestre que ensina; é mesmo o “único mestre”;²⁰ mas não se ensina a si mesmo, porque é enviado, profeta, catequista em nome de Outro; fala a partir duma fonte que não é Ele, dá testemunho do Pai. E, finalmente, Ele próprio envia como o Pai O enviou.²¹ Os primeiros enviados, os apóstolos, aprenderam d’Ele tanto os conteúdos como a maneira de ensinar; tornaram-se “eco” de Cristo: fizeram “ecoar” por todo o mundo o Seu Evangelho... De “fazer ecoar” vem o nosso “catequizar” e, conseqüentemente, o “catecismo”.

¹⁷ CT, c. II.

¹⁸ CT 7.

¹⁹ CT 9.

²⁰ CT 8.

²¹ Cfr Jo 17,18.

1.1 A pregação apostólica e os primeiros “textos catequéticos”

O *Catecismo da Igreja Católica* diz que, “desde cedo, foi chamado catequese o conjunto de esforços empreendidos na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditar que Jesus é o Filho de Deus, a fim de, pela fé, terem a vida em seu nome, para os educar e instruir, construindo assim o Corpo de Cristo”.²² A primeira etapa da transmissão da fé foi constituída pelo anúncio querigmático da Boa Nova, ou a evangelização, segundo o mandato de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações!”.²³

A referência mais imediata dos Apóstolos era, sem dúvida, Jesus, na sua Pessoa e comportamento, nos conteúdos da sua pregação e na sua prática evangelizadora. Mas a convivência com Jesus ensinara-os já também a considerar como Palavra de Deus e a utilizar no anúncio querigmático da actividade missionária, na pregação e na apologetica, na oração e na liturgia, os textos do Antigo Testamento. Estes eram, já então, tidos como livros sagrados, inspirados e, por sua vez, inspiradores da leitura, agora cristã, do projecto de Deus para o seu Povo da Nova Aliança.

A transmissão apostólica da fé vai buscar, assim, à tradição vetero-testamentária as proclamações da Lei e as diversas fórmulas de adesão de fé do Povo de Deus e também outros modelos para à catequese da “assembleia reunida” (*Ekklesía*) e para a “catequese familiar” (*nas casas*). Da pregação apostólica foram, certamente, inspiradores os textos relativos à Aliança de Moisés e à renovação da Aliança promovida por Josué, depois de recordada a “obra de Deus”;²⁴ de exemplaridade se revestia também a “descoberta”, no tempo de Josias, do “Livro da Lei”,²⁵ hoje identificado com o Deuterónimo (=segunda Lei), tornada ocasião e motivo de uma profunda reforma religiosa a partir, precisamente, da sua proclamação pública.²⁶ Modelo de revisão de vida e de renovação espiritual foi também, aquando do regresso de

²² CatC 4.

²³ Mt 28,19.

²⁴ Cfr Jos 24,1-28.

²⁵ Cfr II R 22,8-10.

²⁶ Cfr II R 22,11-13; 23,1-3.

Babilônia e da reconstrução de Jerusalém, a renovação dos compromissos da Aliança promovida por Neemias ²⁷ e feita, depois duma longa preparação, por meio da proclamação e meditação da Lei, ²⁸ do jejum ²⁹ e da oração;³⁰ quanto ao modo como foi solenemente lida a Lei, referenos o Livro de Neemias: depois da leitura, o povo, reunido “como um só homem, pediu a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da Lei de Moisés, que o Senhor prescrevera a Israel (...) Esdras leu o livro, desde a manhã até à tarde (...) e todo o povo escutava, com atenção, a leitura do livro da Lei”.³¹ Esta leitura foi uma leitura sapiencial, homilética e catequética: “Lia clara e distintamente o livro da Lei de Deus e explicava o seu sentido de maneira que se pudesse compreender a sua leitura”.³²

Da prática da comunicação da fé no Povo de Israel, foi também aprendendo a comunidade cristã. O Deuteronomio, por exemplo, prescrevia aos pais o dever de ensinarem aos filhos a Lei: “Convoca o povo em meu nome; que eles ouçam as minhas palavras (...) e as ensinem aos seus filhos”.³³ E, noutro lado: “Gravai, pois, as minhas palavras no vosso coração e no vosso pensamento, ensinais-as aos vossos filhos, repetindo-as sem cessar”.³⁴

Tal como os textos da Lei se tornaram textos “didáticos” ou “catequéticos”, assim todo o Antigo testamento começou a constituir referência obrigatória para a primitiva comunidade cristã na pregação, catequese e liturgia, e, ao mesmo tempo, modelo para a escrita de outros “textos catequéticos” em “unidades temáticas”, porventura, ou em conjuntos destinados a apoiar os apóstolos, evangelizadores, missionários, presidentes de assembleias litúrgicas e apologetas; tais unidades didáticas terão sido, a pouco e pouco, integradas nos Evangelhos e noutros escritos do Novo testamento.

A constituição *Dei verbum* descreve as grandes etapas do processo de fixação, por escrito, da mensagem evangélica: a pregação dos Apóstolos, a guarda fiel das tradições,³⁵ a transmissão da mesma Palavra de

²⁷ Cfr *Neem* 10,1-40.

²⁸ Cfr. *Neem* 8,1-8.

²⁹ Cfr. *Neem* 9,1-3.

³⁰ Cfr. *Neem* 9,4-37.

³¹ *Neem* 8,1.3.

³² *Neem* 8,8.

³³ *Deut* 4,10.

³⁴ *Deut* 11,19-20.

³⁵ Cfr *DV* 8.

Deus por escrito sob a inspiração do Espírito Santo,³⁶ feita “por eles mesmos e por varões apostólicos como fundamento da fé”,³⁷ de modo que, entre as Escrituras, “os Evangelhos têm o primeiro lugar, enquanto são o principal testemunho da vida e doutrina do Verbo encarnado”.³⁸

1.2 Os Evangelhos e as Cartas: os primeiros “catecismos”?

João Paulo II recorda que a prática dos Apóstolos e de São Paulo de pregarem oralmente, segundo o gênero parenético ou exortativo da homilia, foi completada pelos escritos. Os Evangelhos “foram também, antes de serem escritos, expressão do seu ensinamento oral, transmitido às comunidades cristãs, e reflectem mais ou menos claramente uma estrutura catequética. Porventura a narração de São Mateus não foi já chamada o Evangelho do Catequista e a de São Marcos o Evangelho do Catecúmeno?”.³⁹ E, do mesmo modo, “as suas (de São Paulo) numerosas Cartas prolongam e aprofundam o seu ensino. E de modo semelhante as Cartas de São Pedro, de São João, de São Tiago e de São Judas são outros tantos testemunhos da catequese dos tempos apostólicos”.⁴⁰

Temos aqui, pois, referências claras à passagem da catequese ao catecismo ou, melhor ainda, da pregação e catequese feitas em situações concretas de comunidades diversas a fixações por escrito que deram distintos “catecismos” reconhecidos como expressões diversas da mesma fé.

2. Catecumenado e Catequese na Igreja patrística

2.1 O “itinerário catecumenal”

Uma das maiores instituições da Igreja dos primeiros séculos foi a do *Catecumenado* ou da Iniciação Cristã através dum “longo tempo

³⁶ Cfr DV 9 e 11.

³⁷ DV 18.

³⁸ DV 18.

³⁹ CT 11.

⁴⁰ CT 11.

de escuta da Palavra anunciada e celebrada cultural e liturgicamente, para dela tentar viver todos os dias nos comportamentos”,⁴¹ através da conversão que introduz progressivamente numa vida nova.

Numa primeira etapa do catecumenado, ainda talvez nos tempos apostólicos ou pouco depois (cerca de 150), a *Didaché* é um testemunho precioso: “Era um *compêndio* para uso daqueles que pediam o Baptismo, com o fim de orientar a própria vida e a vida das comunidades segundo o esquema das duas vias ou *dois caminhos*: o da vida e o da morte”.⁴² E a *Apologia* de Justino (cerca de 150), relatando a prática baptismal, insiste na transformação moral que a iniciação procura operar; portanto, tratava-se da formação prática básica, na qual tinha lugar capital a aprendizagem da oração, bem como de outras atitudes e comportamentos cristãos.

O catecumenado, já no sec. III, tinha uma organização bastante elaborada. Assim, a *Traditio Apostolica* (cerca de 215) descreve a caminhada de preparação para a celebração da Iniciação Cristã: exame ou verificação das motivações e da qualidade da vida do candidato, mesmo através dos testemunhos de outros, especialmente dos evangelizadores e, mais tarde, dos “garantes” ou “padrinhos”; a conversão que é necessário fazer, passo a passo, e a entrada no catecumenado de três anos, em escuta da Palavra de Deus, terminando com a revelação do mistério da salvação em Cristo e com a admissão aos sacramentos da Iniciação Cristã.⁴³

A pouco e pouco, toda e qualquer catequese baptismal (eram numerosos os itinerários catecumenais) vai terminar, na fase imediatamente preparatória da iniciação sacramental pascal, com a entrega do Símbolo dos Apóstolos; esta entrega desenrola-se num duplo movimento significando, por um lado, a iniciativa da Igreja que propõe a fé numa “entrega do Credo” (a *traditio Symboli*) e, por outro lado, a aceitação e o compromisso do catecúmeno na adesão pessoal da fé e na conduta cristã interior e visível, e a proclamação pública, diante da comunidade, do mesmo Credo, já vivido e memorizado (a *redditio Sym-*

⁴¹ E. GERMAIN, *Un regard panoramique*, em *Thabor, l'encyclopédie des catéchistes*, Desclée, Paris, 1993, p. 20.

⁴² T. STENICO, *O Catecismo da Igreja católica, “memória da fé”, na grande tradição dos catecismos*, em *Um dom para hoje*, Ed. Paulistas, Lisboa, 1993, p. 57

⁴³ Y. M. BLANCHARD, *Catéchèse et rite du Baptême aux premiers siècles*, em *Thabor ...* pp. 27-28; G. GROppo, *Catecumenado Antigo*, em J. GEVAERT (Dir.), *Diccionario de Catequética*, ed. CES, Madrid, 1987, pp. 146-148.

bolí).⁴⁴ Em todo este processo são utilizados textos catequéticos, formulários doutrinários e, principalmente, tempos de oração e celebrações litúrgicas com carácter também didáctico.

2.2 As “catequeses mistagógicas”

Ligadas ainda ao catecumenado e à iniciação sacramental, adquirem particular importância catequéticas, e também litúrgica, as chamadas *Catequeses mistagógicas* ou catequeses pascais pós-baptismais que dizem respeito aos sacramentos ou mistérios, cuja catequese foi propositadamente reduzida ao mínimo durante a preparação; esta incidia principalmente sobre o Símbolo dos Apóstolos, a oração cristã e o Pai Nosso, a conversão da vida moral; a catequese dos “mistérios” obedecia às exigências da ; “lei do arcano” e também à convicção de que a experiência da graça devia preceder a explicação dos sinais através de noções e conhecimentos, porque se trata dum acontecimento espiritual que tem a sua força na sua realização mesma mais do que na sua ilustração. As “catequeses mistagógicas”, que atingiram o seu pleno desenvolvimento no séc. IV, são constituídas por longos comentários sapienciais aos ritos da celebração baptismal pascal: são verdadeira revelação do sentido vital profundo e do dinamismo moral de cada gesto, sinal, rito, sacramento, relacionados também com os símbolos veterotestamentários e, especialmente, com o mistério de Cristo, nomeadamente o seu Mistério Pascal.

Por isso, as obras que os Padres da Igreja nos deixaram como *catequeses* mostram como eles “meditavam a Palavra de Deus e a entregavam aos cristãos, especialmente àqueles que, sendo adultos, pediam para entrar na Igreja”.⁴⁵ E, uma vez escritas, também elas se tornaram verdadeiros modelos do tratamento mistagógico das verdades da fé para os outros, como catecismos, catecismos sacramentais e litúrgicos.

2.3 Os pastores catequetas

João Paulo II, na *Catechesi Tradendae*, resume assim o riquíssimo período marcado pela influência dos *pastores catequetas*: “Assistiu-se (...) a este facto impressionante: Bispos e Pastores, dos mais

⁴⁴ Cfr Y. M. BLANCHARD, *Ibid.*, p. 29.

⁴⁵ R. CHARLAT, *Les catéchèses mystagogiques*, em Thabor..., p. 33.

prestigiosos, sobretudo nos séculos III e IV, consideram como parte importante do seu ministério pastoral proferir instruções ou escrever tratados catequéticos. É então a época dum Cirilo de Jerusalém e dum João Crisóstomo, dum Ambrósio e dum Agostinho. Devidas à pena de numerosos Padres da Igreja, neste período, de facto, viram-se florescer *obras* que ainda hoje continuam a ser modelo para nós”.⁴⁶

Como se costuma dizer, estes séculos foram “séculos de ouro” para a catequese. Essas *obras* eram tanto *cartas* como *homilias*, *tratados*, *catequeses pré-baptismais* ou *baptismais e mistagógicas*. Têm como autores, além dos já atrás mencionados, Orígenes, Santo Atanásio, João de Jerusalém; São Gregorio de Nissa escreveu até uma *Oratio Catechetica*. Tais escritos e obras dirigiam-se quer a comunidades, quer a pessoas individuais e podem ser consideradas como “textos antecipadores do futuro catecismo”.⁴⁷

2.4 O “De catechizandis rudibus” de Santo Agostinho

Entre os Padres catequetas dos séc. III-V destaca-se Santo Agostinho. Não só por causa dos seus numerosos Sermões sobre a Sagrada Escritura, a liturgia e a vida moral cristã, mas também, sobretudo, por causa da sua obra catequética exemplar, o *De catechizandis rudibus*, escrito cerca do ano 400, a pedido do diácono Deográcias de Cartago.

Santo Agostinho, sempre claro, incisivo e eficaz nas suas explicações da fé, toma como destinatários desta sua obra peculiar, em vinte e sete capítulos, pessoas com pouca instrução religiosa, apesar de terem uma certa cultura humana. Em realidade, trata-se duma primeira apresentação da fé e dá vida cristã, especialmente dirigida a quem deseja sinceramente tornar-se catecúmeno. Agostinho faz a sua exposição em três fases, depois de dar indicações acerca do exame das motivações e da maneira de as purificar se não forem correctas; na primeira fase – a da *narração* – faz o relato dos acontecimentos da salvação ate culminarem em Cristo, do qual fala toda a Escritura; na segunda – a da *exortação* – ensina como o catequista deve abrir o catecúmeno à esperança, fazendo-o olhar para o Ressuscitado e exortando-o à perseverança; na terceira trata-se do *suscitar a alegria*:

⁴⁶ CT 12.

⁴⁷ T. STENICO, *Ibid.*, p. 58; Cfr G. GROPPPO, *Patristica (catequesis)*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, pp. 637-640.

a comunicação da fé deve ser feita com alegria e levar à alegria da aprendizagem a ser cristão e do acesso à caridade.

Mas os conteúdos não ficam por aqui. Este “catecismo” apresenta também numerosas considerações pedagógicas sobre a caminhada, as dificuldades do candidato e as do catequista, a lentidão do processo de conversão e os sentimentos de frustração e a necessidade de estar muito atento às reacções do catequizando.⁴⁸

2.5 Passagem do tempo catecumenal ao “tempo da Cristandade”

Na última fase patrística, e principalmente depois da conversão e Baptismo maciços dos “povos bárbaros”, invasores do Império Romano, durante os séc. VI e VII. O modelo catecumenal foi-se perdendo a pouco e pouco para prevalecer apenas o Baptismo das crianças, filhas de pais já baptizados embora em muitíssimos casos, não evangelizados nem convenientemente catequizados. A catequese transformou-se, então, principalmente em pregação e foi substituída pela codificação das obrigações do cristão: “Sendo a fé um bem comum que todos partilham, impregna a existência de cada um e, ao mesmo tempo, toda a vida social. O que importa é pertencer a este corpo em que a fé de alguns sábios supre os poucos conhecimentos dos simples”.⁴⁹

Entramos assim nos tempos da “cristandade”: os textos catequéticos, propriamente ditos, tornam-se raros, até porque pouca gente sabe ler; mas começaram a aparecer as obras que tinham como destinatários privilegiados os pregadores, confessores e pastores. Vai ser preciso esperar pelo séc. IX para ver aparecer os primeiros exemplares de textos escritos expressamente para a transmissão da fé; protótipo de tais textos é a *Exposição (da fé) para as crianças* com perguntas e respostas, com uma sistematização já bastante clara: história sagrada, sacramentos, Símbolo ou Credo e oração do Senhor.⁵⁰

⁴⁸ cfr. R. CHARLAT, *Ibid.*, p. 32; O. PASQUATO, *Augustin*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, pp. 32-33

⁴⁹ E. GERMAIN, *De l'Antiquité au Moyen Age*, em Thabor...p.34.

⁵⁰ Cfr T. STENICO, *Ibid.*, p. 58.

3. O “tempo da escola” e a “catequese da cristandade”

A partir do séc. XIII, embora esteja já a desenhar-se antes, pode verificar-se o surgir duma nova fase de florescimento de “textos catequéticos”, motivado pelo desejo dos intelectuais e dos estudantes universitários que começavam a interrogar-se sobre “o que é necessário conhecer explicitamente para se ser salvo”.⁵¹

3.1 As sínteses doutriniais

Foram aparecendo, então, os chamados *Elucidários* e *Septenários*, pequenos manuais ou sínteses doutriniais para uso dos párocos, os quais propunham processos pedagógicos elementares de fixação e mnemónicas como, por exemplo, os “pontos de doutrina” caracterizados pelo número sete: os sete sacramentos, as sete petições do Pai Nosso, os sete pecados capitais e as sete virtudes opostas, os sete dons do Espírito Santo, as sete virtudes (três teológicas e quatro cardiais), as obras de misericórdia (sete corporais e sete espirituais) etc.⁵² Estas “sínteses” eram aquilo a que poderíamos chamar “catecismos de fórmulas”.

Durante o tempo da grande Escolástica, na Idade Média, a vida da Igreja identificava-se quase com a vida da comunidade civil ou vice-versa; ambas viviam, pelo menos assim se acreditava, impregnadas pelos mesmos valores do Evangelho; de qualquer modo, estes constituíam verdadeiras “regras de vida”, mesmo da vida social. As comunidades estavam organizadas segundo o ritmo, ao mesmo tempo, do ano cósmico e do ano litúrgico; só isto era suficiente para alimentar e sustentar a fé.

Sucedia, assim, que, mesmo os grandes mestres da teologia, como Santo Tomás de Aquino, eram também pregadores populares, cheios de simplicidade e identificados com os seus povos, e escreviam opúsculos compreensíveis e claros, embora profundos, tanto quanto ao esquema como quanto aos conteúdos doutriniais (Credo, Sacramentos, Mandamentos, Oração), os quais se tornaram inspiradores de outras obras catequéticas posteriores.

⁵¹ E. GERMAIN, *Ibid.*, p. 34.

⁵² Cfr. T. STENICO, *Ibid.*, p. 59.

Além de Santo Tomás, que “inventou” a sistematização dos elementos fundamentais do “saber necessário para a salvação” – isto é, o que se deve crer: fé (símbolo), o que se deve desejar: esperança (pedidos do Pai Nosso), o que se deve fazer ou praticar: caridade (duplo mandamento do amor e dez mandamentos) – o grande catequista e catequeta deste tempo foi, sem dúvida, João Gerson (1363-1429). Nos seus pequenos textos, destinados às pessoas simples, Gerson põe em maravilhoso equilíbrio a doutrina e a piedade (oração), “convencido de que os humildes podem conhecer a Deus e até atingir os cumes da vida mística, na sua própria condição”.⁵³ Além destes pequenos textos, Gerson escreveu a chamada *Obra Tripartida* (o “espelho da alma”, o “exame de consciência” e a “ciência de bem morrer”) que muitas dioceses adoptaram como texto catequético ou catecismo a utilizar pelos párocos na catequização das suas comunidades, e o *Tratado do dever de conduzir as criancinhas a Jesus Cristo* (1402) obra de pedagogia religiosa notável, em defesa da sua própria prática de catequese das crianças contra os seus detractores. Os seus princípios e as suas metodologias inspiraram muitos catequetas até mesmo ao séc. XIX; por isso, e também pela sua doutrina e espiritualidade, esta obra foi equiparada ao *De catechizandis rudibus* de Santo Agostinho.⁵⁴

3.2 As “escolas” catedrais e paroquiais

Não admira que tenham tido tanta importância neste tempo as escolas catedrais e paroquiais, isto é, as escolas que se formavam à volta dos conventos e das igrejas, na obra da catequização que era, simultaneamente, obra de civilização e cultura; e durante muito tempo não houve outras. Nelas floresceram estes instrumentos escritos de catequese.

Mas as próprias catedrais e igrejas, desde o início da sua construção, catequizavam, isto é, exerceram a sua função de serem “catecismos” de outra forma, de outro género; trata-se da catequese através da arte e da liturgia; a ela foram sempre sensíveis os homens: “Os homens, as mulheres, as crianças que frequentavam regularmente as catedrais ao ritmo dos domingos e das festas – que eram muitas, então –

⁵³ E. GERMAIN, *Gerson, le modèle des catéchistes*, em Thabor ..., p. 36.

⁵⁴ Id., *Ibid.*, p. 36; Cfr V. GIANETTO, *Gerson Juan*, em J. GEVAERT. *Ibid.*, p. 298.

estavam imersos num banho religioso. Tudo quanto vêem os impregna, mesmo sem disso se aperceberem, como por osmose. A emoção provocada pelo impacto de certas representações prolongava-se em intuições espirituais fecundas. O cristão da Idade Média era alimentado através dos olhos, e também dos ouvidos pelo canto litúrgico, com elementos fundamentais constitutivos da sua fé. Era a catequese de todo o homem sensível e não uma instrução apenas através do espírito”.⁵⁵

Como escreveu um célebre escritor contemporâneo: “O nosso belo sec. XIII foi o reino da alma. Para celebrar este triunfo a matéria ganhou vida: a madeira e a pedra começaram a falar alto com as massas crentes em zelo contagioso, as colunas faziam passar as contas do rosário, as rosáceas cantavam hinos difundindo a luz, as torres e as flechas proclamavam o *Magnificat* em grandes gritos mudos que maravilhavam os ouvidos da Mãe e do Filho...”⁵⁶

(Continua)

✠ HORÁCIO COELHO CRISTINO
BISPO AUXILIAR DE LISBOA

⁵⁵ F. LADOUÈS, *Au Moyen Age, em Thabor...*, p. 37.

⁵⁶ J. GREEN, *On est si sérieux quand on a 19 ans*, Journal 1919-1924, Fayard, Paris, 1993, pp. 61-62.